

O CONTRADITÓRIO NA ESTIGMATIZAÇÃO DE FRANCISCO DE ASSIS NA *LEGENDA PERUSINA (LP)* E NO *ESPELHO DA PERFEIÇÃO (SP)*, DUAS HAGIOGRAFIAS “LEONINAS”

The contradictory of the stigmatization of Francisco de Assis in the Perusine Legend (LP) and in the Mirror of Perfection (SP), two “leonine” hagiographies

Alex Silva Costa

Doutor em História/UFMA

Docente do Programa Ensinar da UEMA

Docente do PARFOR/UFMA

Membro do *Brathair*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1689-4542>

Email: alexcostacosta37@gmail.com

Recebido em: 05/11/2023

Aprovado em: 07/02/2024

Resumo:

O artigo analisa a representação do milagre da estigmas de Francisco de Assis nas hagiografias franciscanas “oficiais” e “não oficiais” dos séculos XIII e XIV. Em especial, analisamos os discursos contraditórios sobre o tema nas obras *Espelho da Perfeição (SP)* e *Legenda Perusina (LP)*. Identificamos diferenças na descrição e importância dada aos *stigmata* em relação ao material hagiográfico “oficial”, como a *Vita Prima (IC)* de Tomás de Celano e a *Legenda Maior (LM)* de Boaventura. Pretendemos debater os novos fatos para evidenciarmos a disputa mnemônica do milagre dos estigmas compilado sob a óptica dos companheiros próximos a Francisco de Assis, ou seja, o do grupo “*nos qui cum eo fuimus*” que apresenta uma interpretação diferente da visão oficial dos textos hagiográficos tutelados pela Igreja.

Palavras-chave: Memória; Frei Leão; Francisco de Assis.

Abstract:

The article analyzes the representation of the miracle of the stigmata of Francis of Assisi in “official” and “unofficial” Franciscan hagiographies of the 13th and 14th centuries. In particular, we analyzed the contradictory discourses on the topic in the works *Espelho da Perfeição (SP)* and *Legenda Perusina (LP)*. We identified differences in the description and importance given to stigmata in relation to “official” hagiographic material, such as the *Vita Prima (IC)* by Tomás de Celano and the *Legenda Maior (LM)* by Bonaventura. We intend to debate the new facts to highlight the mnemonic dispute of the miracle of the stigmata compiled from the perspective of companions close to Francis of Assisi, that is, the group “*nos qui cum eo fuimus*” which presents a different interpretation of the official view of the hagiographic texts protected by the Church.

Keywords: Memory; Friar Leão; Francisco de Assis.

Introdução

Em 1224, na solidão montanhosa do Monte Alverne, próximo à festa da Exaltação da Santa Cruz, comemorada no dia 14 do mês de setembro¹, acontece o milagre dos estigmas de Francisco de Assis, segundo Tomás de Celano. Esse último foi o primeiro hagiógrafo que realizou a primeira narrativa hagiográfica sobre os estigmas. No caso, é relatado que Francisco de Assis encontrava-se isolado no Monte Alverne em um retiro espiritual em honra a São Miguel Arcanjo, quando repentinamente recebeu a aparição de um Serafim alado, com a visão, o santo teria ficado tão confuso ao ponto de não compreender o significado do evento: “sua inteligência, não tinha chegado a nenhuma clareza, mas seu coração estava inteiramente dominado pela visão, quando, em suas mãos e pés começaram a aparecer, como vira pouco antes no homem crucificado, as marcas de quatro cravos”² (IC, 1997, p. 246). Atentemo-nos ao fato de Tomás de Celano ser o primeiro hagiógrafo a descrever o local do acontecimento do milagre (Monte Alverne), a visão do Serafim alado e as características físicas das cinco chagas. No entanto, a primeira referência sobre os estigmas é a *Carta encíclica* de Frei Elias³ publicada em 1226 para relatar a morte de Francisco de Assis e revelar os *stigmata* à comunidade eclesiástica e aos fiéis em geral, como um “novo e estupendo milagre”. Assim, Francisco de Assis, por meio do milagre dos estigmas transformou-se no primeiro santo estigmatizado da História.

Para André Vauchez, o “poverello” de Assis, foi o santo que mais longe levou o esforço de atualização da mensagem evangélica na vida terrena, um modelo de santidade, na qual se tem uma vida e uma forma de comportamento que se baseiam na pobreza e na renúncia. Seria uma forma de exemplificar, a analogia que visa tornar o homem semelhante ao Cristo “chegando ao ponto de reproduzir na carne a Paixão de Cristo. A sua vida é a expressão acabada da nova concepção de santidade, fruto de uma vivência íntima e de um amor que tentava descobrir em todos os homens, e sobretudo nos mais deserdados, a face de Deus” (VAUCHEZ, 1989, p. 220).

Para Tomás de Celano, a estigmatização de Francisco de Assis é o exemplo de maior similitude entre Francisco e Cristo, por isso o apresenta como o “novo crucificado”. Nesse viés, o hagiógrafo o considera um “novo Cristo”, pois, segundo ele,

Francisco de Assis: “possuía Jesus de muitos modos: levava sempre Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus em todos os outros membros”⁴ (IC, 1997, p. 263). Para Boaventura, o hagiógrafo oficial da Ordem dos Frades Menores, Francisco de Assis por meio dos sagrados estigmas, tornou-se *Speculum Christi*. Ele considerava como prova irrefutável dessa atribuição ao santo: “o selo que fez dele a imagem do Deus vivo, isto é, do Cristo crucificado, o selo impresso em seu corpo, não por uma força natural nem por algum recurso humano, mas pelo poder admirável do Espírito do Deus vivo”⁵ (LM, 1997, p. 462). Dessa forma, Boaventura “*era convinto che Francesco fosse un secondo Cristo e l’angelo del sesto sigilo, come non esita a ritenere che la sua esistenza fosse davvero realizzata sotto il segno dell’evangelo e della ‘sequela Christi’*” (MANSELLI, 2004, p. 111)⁶. Para Boaventura, a estigmatização é o maior símbolo da identificação cristológica de Francisco de Assis, uma semelhança física produzida pelo próprio Cristo no corpo do santo, uma concessão das dores e chagas da Paixão de Cristo.

Para Micolli, Francisco vive efetivamente uma experiência religiosa profunda e essencial, que não tem ligações e referências na tradição eclesiástica de seu tempo. Isso foi percebido mais ou menos obscuramente tanto pelos contemporâneos como pelos pósteros: “expressava-o com toda a evidência a definição dele como *novus homo*, que anuncia a identificação com o Cristo (Francisco como *alter Christus*), para além das euforias da Ordem ou das referências exigidas por uma teologia da história por demais complexa e refinada” (MICCOLI, 2004, p. 50-51). Para Dalarun, Francisco de Assis representa, sem dúvida, o maior grau de caridade que o próprio cristianismo é capaz de alcançar, ao mesmo tempo como a participação mais íntima no sofrimento humano que Cristo testemunhou na sua crucificação: “*Les stigmates constatés sur son corps après sa mort, et qui donnaient l’image d’un homme vraiment crucifié, étaient déjà perceptibles dans la vie même de François pour ses contemporains qui ne les avaient pourtant ni vus ni connus*” (DALARUN, 2002, p. 30-31)⁷.

Não é por acaso que as narrativas hagiográficas sobre o milagre dos estigmas impulsionaram o debate em torno da veracidade da estigmatização e da representação cristológica do santo no medievo, uma vez que Francisco de Assis assemelhou-se fisicamente ao filho de Deus. Além disso, as “hagiografias franciscanas”⁸ tidas como

“oficiais”⁹, as obras escritas por Tomás de Celano, a *Vita Prima (1C)* e *Vita Secunda (2C)*; e as de Boaventura, *Legenda Maior (LM)* e *Legenda Menor (Lm)*, destacam a estigmatização como um elemento legitimador da personificação cristológica de Francisco de Assis, dando grande notoriedade ao milagre das chagas. Em contrapartida, outras, tidas como “não oficiais”¹⁰ como o *Espelho da Perfeição (SP)*, atribuída a Frei Leão; e a *Legenda dos Três Companheiros (3S)*, atribuída aos Freis Leão, Rufino e Ângelo, destacam a estigmatização de Francisco de Assis de maneira divergente e com novos elementos. A abordagem ao tema não é intensa ao longo do conteúdo hagiográfico, por isso, apresenta-se com mais discricção.

O contraditório da estigmatização na *Legenda Perusina (LP)* e *Espelho da Perfeição (SP)*

O *Espelho da Perfeição (SP)* “apresenta problemas com relação a sua datação” (VISALLI, 2003, p. 27). Primeiramente foi “publicada e descoberta no final do século XIX por Paul Sabatier, em 1898, que atribuiu sua autoria a Frei Leão” (SILVEIRA, 1997, p. 37). Provavelmente, foi composta na “segunda metade do século XIV, se assemelha à *Legenda Perusina* e, como ela, apresenta as expressões *nos qui cum eo fuimus*” (VISALLI, 1997, p. 27). Além disso, observa-se que as expressões acima destacadas, são “frequentes nas obras que tem a participação de Frei Leão” (SILVEIRA, 1997, p. 39).

A *Legenda Perusina (LP)*, manuscrito foi “encontrado em 1926 pelo franciscano Delorme na biblioteca comunal de Perusa” (SILVEIRA, 1997, p. 36). Apresenta caráter episódico e não segue em si, uma estrutura biográfica. É um documento redigido entre os séculos XIII e XIV, sem data precisa. Também “é recheada das expressões *nos qui cum eo fuimus*, e apesar de ter sido encontrado em Perusa, sua procedência é de Assis” (VISALLI, 2003, p. 27-28). Ganhou também, “ao longo do tempo, várias denominações, *Legenda Antiga*, *As Flores dos Três Companheiros*, *Escritos de Leão*, *Rufino e Angelo*, *Companheiros de São Francisco de Assis*, *Compilação Assisiense*” (SILVEIRA, 1997, p. 36).

Quando analisamos o milagre dos estigmas de Francisco de Assis encontramos várias mudanças na abordagem sobre o tema nas hagiografias franciscanas, principalmente nas que tiveram a participação de Frei Leão, companheiro íntimo e confessor do santo italiano. Essas são denominadas “fontes leoninas” por serem consideradas de inspiração leonina, ou seja, são referentes aos escritos de Frei Leão. Isto se fizermos comparação, por exemplo, com as fontes “oficiais” que contém datas de produção e escritores tutelados pela Igreja, como Tomás de Celano e Boaventura, e com os textos da categoria “não ordenados” ou “não oficiais” que apresentam muitos lapsos narrativos e inseguranças quanto as autenticidades. De todo modo, para compreendermos melhor, Le Goff (2007) afirma que no vasto material considerado “não oficial”: “A personagem central, seja como quem informa, seja como autor, é Frei Leão, confessor de São Francisco e, portanto, bem situado para conhecer a vida interior do santo. Mas nenhuma das obras que a crítica lhe atribui apresenta um caráter de autenticidade indubitável” (LE GOFF, 2007, p. 56). Além disso, o mesmo autor, ainda nos traz uma abordagem valorosa sobre a participação de Frei Leão na autenticidade desse grupo documental, o “não oficial”, questionando os possíveis perigos em suas utilizações.

A Vida dos Três Companheiros (Legenda trium sociorum) que chegou até nós com toda probabilidade não é a original endereçada a Tomás de Celano, mas verossimilmente uma compilação do início do século XIV, bebendo a um tempo na *Vita secunda* de Tomás de Celano e nas fontes autenticamente leoninas não utilizadas por Tomás, e, talvez, entre elas, no texto original de Frei Leão: o *Speculum perfectionis* ou *Espelho da Perfeição*, que também não deve ser uma obra autêntica de Frei Leão, pois parece ter sido composta depois de sua morte, segundo as narrativas ou escritos de Leão diretamente transcritos. O *Manuscrito Filipe* é uma versão antiga dos *Acta beati Francisci et sociorum ejus- Atos de São Francisco e de seus companheiros* -, compilação do século XIV parenta dos *Fioretti*. Esse manuscrito inclui provavelmente parágrafos que reproduzem um texto original de Frei Leão. Por fim, o mais precioso, talvez, desses textos, *A Legenda antiqua*, editada em 1926, que parece o mais autêntico dos textos atribuídos a Frei Leão, mas que traz problemas ainda não resolvidos (LE GOFF, 2007, p. 56-57).

De acordo com o exposto acima, enfrentaríamos uma grande barreira na utilização da documentação pertencente a esse grupo de textos, oriunda das numerosas dificuldades apresentadas em sua composição, ou melhor, dizendo, em sua compilação e construção. Por outro lado, Le Goff (2007) traz ao debate a questão individual da figura

do santo, ou seja, da construção de sua personagem nos textos hagiográficos, da forma como ele foi apresentado. Nesse caso, ele afirma que em comparação com a versão do São Francisco “oficial”, o do grupo “não oficial” parece nos apresentar:

[...] um São Francisco mais intransigente, menos enfeitado, mais verdadeiro, não se pode deixar de considerar que existe a mesma possibilidade de que deforme São Francisco no sentido oposto. E o historiador que gostaria muito de contrabalancear a versão “revista e corrigida” de São Francisco com essa de Frei Leão é obrigado a reconhecer que o auto-de-fé de 1266 conseguiu, até prova em contrário, privá-lo de textos de que se possa servir com toda a segurança (LE GOFF, 2007, p. 57)

Feitas as devidas considerações iniciais sobre o material hagiográfico a ser analisado, informamos a priori, que não é nossa intenção descobrir uma versão autêntica de Francisco de Assis por meio dessa documentação. Nosso objetivo aqui, é analisar a intencionalidade dos discursos contidos nas narrativas hagiográficas sobre o milagre dos estigmas, identificar as personagens, os silenciamentos de memória. Analisar as diferenças entre o material “oficial” e o “não oficial”. Sem, no entanto, deixar de compreender a participação e voz atribuída a Frei Leão nesse contexto. Abordaremos então, a apresentação do milagre dos estigmas em duas delas, a *Legenda Perusina (LP)* e o *Espelho da Perfeição (SP)*. A *Legenda Perusina (LP)*, diferente das hagiografias “oficiais”, não apresenta a estrutura narrativa do milagre com os elementos e as personagens desenvolvidas por Tomás de Celano na *Vita Prima (IC)*. Para questão inicial de esclarecimento, vejamos então, a primeira “narrativa hagiográfica”¹¹ do milagre dos estigmas de Francisco de Assis.

Numa estadia que fez no **eremitério chamado Alverne**, que tem este nome por causa de sua localização, **dois anos antes de entregar sua alma ao céu**, teve uma visão de Deus em que **viu um homem, com aparência de Serafim de seis asas**, que pairou acima dele com os braços abertos e os pés juntos, **pregado numa cruz**. Duas asas elevavam-se sobre a cabeça, duas estendiam-se para voar e duas cobriam o corpo inteiro. Quando o servo do Altíssimo viu isso ficou muitíssimo admirado, mas não compreendia o sentido dela [...] Sua inteligência ainda não tinha chegado a nenhuma clareza, **mas seu coração estava inteiramente dominado por esta visão**, quando **em suas mãos e pés** começaram a aparecer, assim como as vira pouco antes no homem crucificado, **as marcas de quatro cravos**. Suas mãos e pés pareciam atravessados bem no meio pelos cravos, aparecendo as cabeças no interior das mãos e em cima dos pés, com as pontas saindo do outro lado. **Os sinais eram redondos** no interior das mãos e longos no lado de fora, **deixando ver um pedaço de carne como se fossem pontas de cravos entortadas e**

rebatidas, saindo para fora da carne. Também nos pés estavam marcados os sinais dos cravos, sobressaindo da carne. **O lado direito parecia atravessado por uma lança**, como uma cicatriz fechada que muitas vezes soltava sangue, de maneira que sua túnica e suas calças estavam muitas vezes banhadas no sagrado sangue¹² (*IC*, 1997, p. 246-247, grifo nosso).

Vejam os que Tomás de Celano na *Vita Prima (IC)*, faz a identificação do local do milagre, o Monte Alverne, descreve a visão do Serafim e as dúvidas de Francisco de Assis, expressadas na afirmação acima de que, “sua inteligência ainda não tinha chegado a nenhuma clareza, mas seu coração estava inteiramente dominado por esta visão”. Além disso, é descrito em seguida, o surgimento e as características físicas dos estigmas. Tudo acontece ao mesmo tempo, e mais, para Tomás de Celano logo após a visão do Serafim, Francisco de Assis foi “estigmatizado”, ou seja, de forma instantânea.

Por outro lado, vamos analisar a apresentação do milagre dos estigmas de Francisco de Assis na *Legenda Perusina (LP)*, aqui o relato do milagre inicia-se da seguinte maneira:

Quando o bem-aventurado Francisco foi um dia de visita ao eremitério do monte Alverne, agradou-lhe tanto o lugar, pelo seu isolamento, que decidiu fazer ali uma quaresma em honra a S. Miguel. Tinham feito a viagem antes da festa da Assunção da gloriosa Virgem Maria. Contou os dias entre a festa da Assunção e a de S. Miguel; e eram quarenta dias. Disse então: “Para honra de Deus, da Bem-aventurada Virgem Maria e S. Miguel, príncipe dos anjos e das almas, quero fazer aqui uma quaresma”¹³ (*LP*, 1997, p. 823-824).

Percebe-se na narrativa hagiográfica acima, a identificação da localidade (o Monte Alverne) do milagre dos estigmas, o motivo do retiro (em honra a São Miguel Arcanjo), a duração de quarenta dias, mas diferente da *Vita Prima (IC)* de Tomás de Celano, não relata de imediato o aparecimento do Serafim alado. Por outro lado, identificamos que a *Legenda Perusina (LP)* apresenta um espaço temporal para a aparição do Serafim do Alverne:

Ao romper da aurora da manhã seguinte, estando ele ainda em oração, eis que um bando de aves, de diferentes espécies, **veio pousar em cima da cela** em que se encontrava. Mas não vieram todas ao mesmo tempo. Primeiro vinha uma, fazia ouvir o seu gorjeio e levantava vôo; depois, outra e outra, até a última. O bem-aventurado Francisco estava verdadeiramente admirado e consolado. Interrogando-se acerca do significado desta visita, ouviu em espírito a **resposta do Senhor**: “Aí tens o sinal de que **Deus te concederá**

abundantes graças e consolações nesta cela”. Assim foi realmente¹⁴ (LP, 1997, p. 824, grifo nosso).

A “visita das aves” na cela de Francisco de Assis funcionou como uma introdução para a visão do Serafim do Alverne, situação que não foi relatada em momento algum nas hagiografias “oficiais”, *Vita Prima (IC)* e *Legenda Maior (LM)*, por exemplo. Assim, temos uma novidade: a de que a visão do Serafim ocorreu dentro da cela do santo. Uma suposição que também não aparece nas obras “oficiais”, tanto que após a “visita das aves” é narrado:

[...] entre muitas outras graças, ocultas e manifestas, que o Senhor lhe concedeu, **sobressai aquela visão do Serafim, que lhe encheu a alma de consolação**, e o **uniu estreitamente a Deus**, para o resto da vida. Quando seu companheiro lhe foi levar a comida naquele dia, contou-lhe o que se tinha passado. **Mas ele não teve só consolações nesta cela**; os demônios fizeram-no passar por múltiplas tribulações durante a noite, conforme explicou ao companheiro¹⁵ (LP, 1997, p. 824-825, grifo nosso).

Embora esteja bem evidenciada acima a descrição da visão do Serafim, também está claro que não há nenhuma afirmação direta sobre os estigmas. Observa-se que a *Legenda Perusina (LP)* afirma que o Serafim, “o uniu estreitamente a Deus para o resto da vida”, mas não se fala de que forma, nem como se deu essa “união”. Assim, pode-se apenas presumir, mas não afirmar, que a “união” foi por meio da estigmatização de Francisco de Assis.

Frugoni, em seu estudo sobre os estigmas de Francisco de Assis, já havia chamado a atenção para este fato, afirmando que a *Legenda Perusina (LP)* “fala sobre a visão do anjo em Verna, evitando qualquer menção aos estigmas: refere-se apenas a uma benéfica consolação e iluminação que faz Francisco aceitar os sofrimentos passados e futuros” (FRUGONI, 2011, p. 132-133). Nesse sentido, a origem da descrição residiria na ideia de que a *Legenda Perusina (LP)* se baseia no bilhete de Frei Leão, o qual foi o primeiro documento a relatar a visão do Serafim a Francisco de Assis no retiro espiritual do Monte Alverne. Tomás de Celano o teria utilizado para elaborar a cena da visão do Serafim, em consonância com o surgimento dos estigmas de Francisco de Assis na *Vita Prima (IC)*.

Ao mesmo tempo, é promissora a possível utilização de dois documentos por Tomás de Celano para a composição do episódio do milagre dos estigmas na *Vita Prima (IC)* de 1228/1229¹⁶. Sobre os documentos, temos a *Carta Encíclica de Frei Elias*, que relata os estigmas como um “milagre novo e inaudito” no momento de divulgação da morte de Francisco de Assis em 1226, e temos o *Bilhete de Frei Leão*¹⁷ que é um pergaminho no qual Francisco de Assis escreveu os *Laudes Dei Altissimi* e uma bênção a Frei Leão; no verso deste pergaminho. Pelegrinelli afirma que o fragmento de fólio foi entregue a Frei Leão durante a experiência do Alverne: “está atualmente custodiado na Sala das Relíquias da Basílica de São Francisco em Assis e é uma de suas relíquias mais íntimas: entregue por afeto a um amigo, foi guardada como amuleto por décadas por seu proprietário e se tornou objeto de devoção” (PELEGRINELLI, 2019, p. 3). Para Bartoli Langeli, este *Bilhete a Frei Leão*, tanto do ponto de vista de sua função como de seu tipo, “é um objeto que devemos referir ao que chamamos de superstição do escrito, uso mágico, marginal, não institucional da escrita. É uma ‘bênção-exorcismo’, um desenfitecimento, uma espécie de filacteria ou de amuleto” (LANGELI apud DESBONNETS, 1987, p. 23). No documento em questão, Frei Leão escreveu que Francisco de Assis, em 1224, dois anos antes de sua morte, recebeu a visão de um Serafim no Monte Alverne, e que antes do santo escrever os *Laudes Dei Altissimi* no bilhete, ele teria sido estigmatizado.

Dois anos antes da sua morte passou o bem-aventurado Francisco a Quaresma no Monte Alverne, em honra da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, e do bem-aventurado São Miguel Arcanjo, desde a festa da Assunção da Santa Virgem Maria até a festa de São Miguel em setembro. E fez-se sentir sobre ele a mão do Senhor: depois duma visão e colóquio com um Serafim, e depois da impressão dos estigmas de Cristo no seu corpo, compôs ele estes Louvores e os escreveu de próprio punho no verso desta folha, rendendo graças ao Senhor pelo benefício recebido¹⁸ (Bilhete de Frei Leão, 1997, p. 74).

Percebe-se que pelo *Bilhete de Frei Leão* não se pode afirmar que foi o Serafim que estigmatizou Francisco de Assis como pensa Boaventura na *Legenda Maior (LM)* de 1263 (no caso, o Cristo assumiu a forma de um Serafim crucificado), e nem que os estigmas do santo surgem automaticamente após a visão do Serafim como Tomás de Celano apresentou na *Vita Prima (IC)*. Assim, a interpretação dada pela *Legenda Perusina (LP)* que não liga a visão do Serafim ao surgimento dos estigmas, está mais

próxima da versão de Frei Leão. Por outro lado, concordamos com a conclusão de Frugoni que chama atenção para as divergências no conteúdo dos documentos, ela entende que Tomás de Celano foi quem juntou o *Bilhete de Frei Leão* e a *Carta Encíclica de Frei Elias* e os reinterpreto na *Vita Prima (IC)* para relatar o episódio do milagre dos estigmas, vejamos abaixo:

Frei Leão vincula os sinais sacros a um determinado episódio ocorrido na vida do santo, a aparição e o colóquio tranquilizador com um ser angélico. Elias, inversamente, que não menciona Verna nem a aparição angélica, fala dos estigmas exclusivamente relacionados com a morte, visíveis durante a exposição do cadáver. As duas testemunhas, portanto, não concordam de maneira nenhuma (FRUGONI, 2011, p. 133).

Além disso, em o *Espelho da Perfeição (SP)*, obra que é atribuída a Frei Leão por Paul Sabatier, o surgimento dos estigmas de Francisco de Assis está apenas relacionado ao Monte Alverne, pois não menciona a visão do serafim, apenas “relacionado” porque não diz que foi o Serafim que estigmatizou o santo e nem que o milagre aconteceu após a visão no Alverne. E mais, os estigmas em o *Espelho da Perfeição (SP)*, assim como na *Legenda Perusina (LP)*, estão associados às atribuições espirituais pelas quais Francisco de Assis passou em vida. Entretanto, na *Legenda Perusina (LP)* o surgimento dos estigmas está separado da visão do Serafim, questão a qual já fora analisada por nós. Vejamos então, a apresentação do relato do milagre dos estigmas de Francisco de Assis em o *Espelho da Perfeição (SP)*.

Da mesma forma, quando **recebeu em seu corpo os estigmas do Senhor, no santo monte Alverne**, padeceu de tantas tentações e tormentos que não podia mostrar sua alegria habitual. Com efeito, dizia com frequência a seus companheiros: “Se os frades soubessem quantos tormentos e provações me faz sofrer o demônio, não haveria um só que não se sentisse arrebatado de compaixão e piedade para comigo”¹⁹ (*SP*, 1997, p. 955-956, grifo nosso).

Aqui é bem especificado que Francisco de Assis recebeu os estigmas da paixão de Cristo no Monte Alverne, mas em nenhum momento é mencionado que o santo estava em uma cela no momento da estigmatização, como foi suposto pela *Legenda Perusina (LP)*. A semelhança que temos entre o *Espelho da Perfeição (SP)* e a *Legenda Perusina (LP)* na descrição dos estigmas está na questão das tribulações, que ambas relatam. Temos ainda, que em o *Espelho da Perfeição (SP)* também não se encontra

nenhuma referência à visão do Serafim, assim, o surgimento dos estigmas nesta hagiografia está apenas localizando o milagre dos estigmas no Monte Alverne, e de fato, não conecta a visão do Serafim ao milagre dos estigmas como fez a *Vita Prima (1C)* de Tomás de Celano.

Referências

Fontes traduzidas

Legenda Maior (LM) e Legenda Menor (Lm), São Boaventura, tradução: Frei Romano Zago, O.F.M. *Vita Prima (1C) e Vita Secunda (2C) de São Francisco, Tomás de Celano*, Tradução: Frei José Carlos Pedroso. *Legenda Perusina (LP)*, tradução: Frei Roque Biscione, O.F.M. *O Espelho da Perfeição (Sp)*, tradução: Frei José Jerônimo Leite, O.F.M. *Testamento de São Francisco (Test) e Bilhete de Frei Leão*, tradução: Frei Edmundo Binder, O.F.M. *Carta de Frei Elias*, tradução: Edgar Orth; *In.: Escritos e biografias de São Francisco de Assis/Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Seleção e organização: Frei Ildefonso Silveira, O.F.M e Orlando dos Reis. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Fontes latinas/Digitais

Legenda Maior (LM) e Legenda Menor (Lm), São Boaventura. *Vita Prima (1C) e Vita Secunda (2C) de São Francisco, Tomás de Celano*. *Legenda Perusina (LP)*. *Espelho da Perfeição (SP)*. *Testamento de São Francisco (Test)*. *Bilhete de Frei Leão*. *Legenda dos Três Companheiros (3S)*. *Bilhete de Frei Leão*. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes>. Acesso em: 03/10/22.

Obras de referência

DALARUN, Jacques. *La Malaventure de François d'Assise*. Paris: Les Éditions Franciscaines, 2002.

DESBONNETS, Théophile. **Da intuição à instituição**. Petrópolis: CEFEPAL, 1987.

FRUGONI, Chiara. **Francisco de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MANSELLI, Raoul. **I primi cento anni di storia francescana**. Milano: ED. San Paolo, 2004.

MICOLLI, Giovanni. **Francisco de Assis: realidade e memória**. Petrópolis: FFB, 2004.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Tradução: Marcos de Castro. 8ªed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PELEGRINELLI, André Luiz Marcondes. **Uma montagem caligramática do século XIII: a *Benedictio Fratri Leoni Data* de Francisco de Assis**. Disponível em: *Antíteses*, Londrina, v.12, n. 24, p. 646-676, jul-dez. 2019.

SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis**. Tradução: Frei Orlando A. Bernadi, OFM/ Frei Vitório Macuzzuco. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, IFAN, 2006.

SILVEIRA, Ildelfonso (OFM). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do século franciscano**. Petrópolis; Vozes, 1997.

VAUCHEZ, André. *O Santo*. In.: LE GOFF, Jacques (Org.). **O Homem Medieval**. Lisboa: Editora Presença, 1989.

VISALLI, Angelita Marques. **O corpo no pensamento de Francisco de Assis**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.

_____. **O Crucifixo de São Damião: assim Cristo se manifesta a Francisco de Assis**. Notandum, CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto (maio-agosto), 2013.

Notas

¹ A tradição da festa da Exaltação da Santa Cruz é remetida ao século IV quando se a fez a exposição da Santa Cruz na Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém. Para Sabatier, a festa no “século XIII era celebrada com um entusiasmo e zelo bem naturais, como uma solenidade que se poderia se qualificar de festa padroeira da cruzada” (SABATIER, 2006, p. 312).

² “Cumque liquido ex ea intellectu aliquid non perciperet et multum eius cordi visionis huius novitas insideret, coeperunt in manibus eius et pedibus apparere signa clavorum, quemadmodum paulo ante virum supra se viderat crucifixum”.

³ Na ocasião ocupava o cargo de Vigário Geral da Ordem.

⁴ “Multa illi utique cum Iesu, Iesum in corde, Iesum in ore, Iesum in auribus, Iesum in oculis, Iesum in manibus, Iesum in reliquis membris semper portabat”.

⁵ “signaculum similitudinis Dei viventis, Christi videlicet crucifixi, quod in corpore ipsius fuit impressum, non per naturae virtutem vel ingenium artis, sed potius per admirandam potentiam Spiritus Dei vivi”.

⁶ “estava convencido de que Francisco era um segundo Cristo, o anjo do sexto selo, ele não hesita em concluir que a sua existência foi efetivamente realizada sob o signo do Evangelho e da *sequela Christi*” (MANSELLI, 2004, p. 111, tradução nossa).

⁷ “Os estigmas constatados em seu corpo após a sua morte, e que davam a imagem de um homem verdadeiramente crucificado, já eram perceptíveis na própria vida de Francisco pelos seus contemporâneos que não os tinham visto nem conhecido” (DALARUN, 2002, p. 30-31, tradução nossa).

⁸ Classificamos como “hagiografias franciscanas”, o conjunto de hagiografias com características biográficas escritas a partir do século XIII sobre Francisco de Assis.

⁹ Segundo Manselli, são as detentoras de caráter de oficialidade por serem encomendadas e obedecerem às exigências oficiais da Igreja, em particular da própria Ordem. São essas: *As Vita Prima (1C)* e *Vita Secunda (2C)* de Tomás de Célano; e as obras de Boaventura, *Legenda Maior (LM)* e *Legenda Menor (Lm)*.

¹⁰ Quanto às obras “não oficiais”, Raoul Manselli as apresenta divididas em dois subgrupos: “fontes sistematicamente ordenadas” e “não ordenadas”. As primeiras constituem-se de obras anônimas que partiram de um plano de organização do material recolhido, escrito e oral. Desse grupo fazem parte a *Legenda dos Três Companheiros (3C)*, o *Anônimo Perusino (AP)* e o *Espelho da Perfeição (SP)*. A *Legenda Perusina (LP)* faz parte do segundo grupo, das “não ordenadas”.

¹¹ Existe uma diferença entre primeira “narração hagiográfica” sobre os estigmas e entre o primeiro “relato sobre os estigmas”; a primeira narrativa hagiográfica foi composta por Tomás de Celano na *Vita Prima (1C)*, de 1228/1229. Já o primeiro relato foi a *Carta Encíclica de Frei Elias*, escrita pelo então Vigário-Geral da Ordem Frei Elias, para anunciar os estigmas durante a morte de Francisco de Assis em 1226.

¹² “Faciente ipso moram in eremitorio, quod a loco in quo positum est Alverna nominatur, duobus annis antequam animam redderet caelo, vidit in visione Dei (cfr. Ez 1,1; 8,1) virum unum, quasi Seraphim sex alas habentem, stantem supra se, manibus extensis ac pedibus coniunctis, cruci affixum. Duae alae supra caput elevabantur, duae ad volandum extendebantur, duae denique totum velabant corpus (cfr. Is 6,2). Cumque ista videret beatus servus Altissimi, admiratione permaxima replebatur, sed quid sibi vellet haec visio advertere nesciebat [...] Cogitabat sollicitus, quid posset haec visio designare, et ad capiendum ex ea intelligentiae

sensum anxiabatur plurimum spiritus (cfr. Ps 142,4) eius. Cumque liquido ex ea intellectu aliquid non perciperet et multum eius cordi visionis huius novitas insideret, coeperunt in manibus eius et pedibus apparere signa clavorum, quemadmodum paulo ante virum supra se viderat crucifixum. Manus et pedes eius in ipso medio clavis confixae videbantur, clavorum capitibus in interiore parte manuum et superiore pedum apparentibus, et eorum acuminibus existentibus ex adverso. Erant enim signa illa rotunda interius in manibus, exterius autem oblonga, et caruncula quaedam apparebat quasi summitas clavorum retorta et repercussa, quae carnem reliquam excedebat. Sic et in pedibus impressa erant signa clavorum et a carne reliqua elevata. Dextrum quoque latus quasi lancea transfixum, cicatrice obducta, erat, quod saepe sanguinem emittebat, ita ut tunica eius cum femoralibus multoties respergeretur sanguine sacro”.

¹³ “Quodam tempore ivit beatus Franciscus ad heremitorium montis Alverne; et quia valde remotus est locus ille, tantum placuit ei quod voluit ibi facere quadragesimam ad honorem sancti Michaelis. Iverat autem illuc ante festum Assumptionis gloriose virginis Marie, et numeravit dies a festo sancte Marie usque ad festum [sancti] Michaelis, quod essent quadraginta dies, et ait: “Ad honorem Dei et beate Virginis Marie, matris eius, et beati Michaelis, angelorum principis et animarum, volo hic facere quadragesimam”.

¹⁴ “Et summo mane in aurora, cum staret in oratione de diversis generibus aves venerunt super cellam ubi manebat, non coadunate simul, sed prius veniebat una et cantabat, dulcem faciendo versum suum, et postea recedebat; et alia veniebat et cantabat et recedebat; et sic omnes fecerunt. Et plurimum de hoc admiratus est beatus Franciscus et habuit inde maximam consolationem; sed cepit meditari quid hoc esset. Et dictum fuit ei a Domino in spiritu: ‘Hoc signum est quod Dominus bene faciet tibi in cella ista et multas dabit consolationes’. Quod ita verum fuit”.

¹⁵ “[...] nam inter alias multas consolationes occultas et manifestas, quas sibi contulit Dominus ostensa est sibi a Domino visio Seraphyn, de qua multam habuit consolationem in anima sua inter se et Dominum toto tempore vite sue. Et factum est, dum socius eius portaret ei comestionem narravit ei omnia que sibi acciderant. Et licet habuerit multas consolationes in cella illa, multas [tamen] tribulationes fecerunt sibi de nocte demones, sicut idem socio suo narravit”.

¹⁶ Esta foi a primeira hagiografia escrita sobre Francisco de Assis.

¹⁷ Este documento é também conhecido como a *Chartula de Assisi*.

¹⁸ “Beatus Franciscus duobus annis ante mortem suam fecit quadragesimam in loco Alvernae ad honorem beatae Virginis matris Dei et Beati Michaelis archangeli a festo assumptionis sancte Mariae virginis usque ad festum sancti Michaelis septembris; et facta est super eum manus Domini: post visionem et allocutionem Seraphin et impressionem stigmatum Christi in corpore suo fecit has laudes ex alio latere chartulae scriptas et manu sua scripsit gratias agens Deo de beneficio sibi collato” (Bilhete de Frei Leão).

¹⁹ “Similiter in sacro monte Alvernae tempore quo recepit stigmata Domini in corpore suo tentationes et tribulationes patus fuit a daemonibus quod non poterat se laetum ostendere sicut consueverat. Dicebat enim sócio suo: ‘Si scirent fratres quot et quantas tribulationes et afflictiones faciunt mihi demones, non est aliquis eorum qui non moveretur ad compassionem et pietatem circa me”.